

ENTREVISTA/JORGE VIANA - GOVERNADOR DO ACRE 'Quero um novo arranjo para as divisas da Amazônia'

ANA PAULA FREIRE

O engenheiro florestal Jorge Viana, 41, governador do Acre, provocou alvoroço ao anunciar um projeto ousado. Ele quer a reorganização das divisas dos Estados amazônicos. O argumento parece lógico: 'Um lugar com tantos limites naturais não pode ter uma linha imaginária no meio da floresta, como um divisor que separa as famílias do Acre e do Amazonas, do Acre e de Rondônia'. Essa e outras questões polêmicas, como a indicação de Lula à Presidência da República, têm

sido motivo de críticas até mesmo dentro do Partido dos Trabalhadores (PT). Como um bom político, minimiza: 'Vejo isso como divergências saudáveis dentro de uma democracia'. Definindo-se uma pessoa de hábitos simples, geralmente dispensa o tradicional terno e gravata e o ar sisudo típico de quem comanda. Admite ser vaidoso apenas 'quando o assunto é Amazônia'. Vestindo uma calça cáqui e uma camisa salmão com um discreto quadriculado, ele concedeu, em seu gabinete, a seguinte entrevista:



ANA PAULA FREIRE

'DEVEMOS USAR A FLORESTA COM SABEDORIA. NÃO SOU DE CONTEMPLAR'



Arquivo CNS

O Programa Adjunto da Solidariedade foi inspirado no exemplo e nos ideais de Chico Mendes

A CRÍTICA - Como o senhor encontrou o Estado do Acre e como está hoje?

Jorge Viana - O Acre era um Estado que vivia na ilegalidade. Não por causa do seu povo, mas, sim, por causa dos governantes. Era um Estado desacreditado dentro e fora de seu território. A situação era de completo caos. Tínhamos um esquadrão da morte atuando, o desmando administrativo e a situação de pré-falência do Estado. Antes de eu assumir o Governo, alguns até faziam piada de mau gosto com o nosso Acre dizendo que o ideal seria devolvê-lo à Bolívia. Outros eram mais impiedosos: diziam que a Bolívia não aceitaria de volta. Foi esse Acre que nós, um grupo de sonhadores que militam no PT e em outros partidos da Frente Popular, resolvemos tomar como patrimônio e fazer dele, em vez de motivo de chacota, um exemplo para a Amazônia e para o Brasil.

AC - O senhor nomeou para cargos do primeiro escalão técnicos e intelectuais. Por que deixou de fora pessoas da base de apoio?

Viana - Desde a Prefeitura, fiz a opção de montar um governo técnico-político. Para administrar bem, é preciso uma equipe técnica competente, que tenha sensibilidade política para chegar às pessoas e conhecer as suas necessidades. É o que eu tenho aqui. A base do meu governo é praticamente a mesma de quando fui prefeito, só que, agora, com mais experiência. Quem ganha com isso é a população, até porque nós temos tido a preocupação de buscar na participação popular a ajuda para definir o que é prioridade.

AC - O senhor adotou o orçamento participativo, conforme havia prometido em campanha?

Viana - Sim. O nosso governo está querendo integrar o Estado e por isso criou a ideia do orçamento participativo. O programa viabiliza a participação das pessoas na definição dos rumos do Estado. Em reu-

niões permanentes em todos os municípios, as comunidades têm sugerido ao governo a melhor forma de aplicar os recursos.

AC - Por que, com tantos programas sociais, o senhor não conseguiu eleger o seu candidato à Prefeitura de Rio Branco?

Viana - Na verdade, o programa 'Adjunto da Solidariedade' foi implantado depois da eleição. Independente disso, acho que cometemos alguns erros de estratégia. Tínhamos um candidato que concorria pela primeira vez a um cargo eletivo e era desconhecido, e, do outro lado, havia a união dos antigos inimigos do partido em torno de uma candidatura. Além disso, não havia ainda um sentimento de que a população seria beneficiada com a nossa vitória. Mas isso já passou e hoje as pesquisas dão conta de que estamos em uma situação muito privilegiada.

AC - Por que o senhor foi acusado de perseguir funcionários públicos no seu governo? Há alguma relação com a derrota para a Prefeitura?

Viana - Não, simplesmente eu tentei fazer a coisa certa. O Acre tinha funcionários no Rio, em Brasília, ganhando às custas do povo acreano. Eu chamei essas pessoas para trabalhar e dei uma oportunidade. Ao mesmo tempo, colocamos o pagamento em dia - coisa que há décadas não acontecia - e concluímos o plano de carreira para 23 mil dos 31 mil servidores públicos estaduais. Foram decisões políticas difíceis. Só para ter uma ideia, apesar de o Acre ser um Estado pobre, nosso piso para a educação é o maior do País - R\$ 1.200,00 para a carreira inicial. Então, ficou muito claro que o que fizemos foi justiça, porque a grande maioria dos servidores trabalhava e tinha uma minoria privilegiada que ganhava sem trabalhar. Isso acabou no Acre. A versão de que estávamos perseguindo não vingou.

AC - Recentemente, o ministro Raul Jungmann esteve no Acre para assinar um convênio com o seu governo. Que convênio é esse?

Viana - O ministro Jungmann estabeleceu uma parceria muito corajosa com o Governo do Acre, que é iniciar a divisão de responsabilidade na assistência técnica às áreas de assentamento do Incra. Eles vão passar 1 milhão de hectares do Governo Federal para nós e nós vamos promover assentamentos de pólos agroflorestais, a exemplo do que eu fiz quando era prefeito, só que a custos bem mais baixos.

AC - O senhor foi muito crítico de quando assinou uma moção de desagravo ao presidente FHC. Isso foi um episódio isolado ou a sua avaliação do Governo Federal é mesmo positiva?

Viana - O presidente tem um problema: no afã de montar uma alian-

ça, passou ministérios e outros cargos importantes para partidos e grupos políticos sem uma escolha criteriosa e demorou para entrar com a política social. Mas acho que o mais grave é no que diz respeito ao patrimônio nacional, ao processo de privatização. Eu tenho críticas a isso. Agora, não posso negar que tenho recebido, por parte do presidente FHC, uma atenção especial aos nossos projetos. Além disso, o meu vice é do PSDB, o que por si só configura a aliança estabelecida com o partido de FHC. O que eu lamento é que o presidente tem condições de fazer um governo muito melhor do que o que está fazendo hoje.

AC - O seu slogan 'Governo da Floresta' não teve uma boa aceitação popular. O senhor acredita que as pessoas ainda associam floresta a subdesenvolvimento?

Viana - O melhor do slogan é que



Rodrigo Anagnão/AFIP

FHC poderia ter feito um governo melhor, mas demorou muito para entrar com a política social

cisamos colocar os produtos da Amazônia no mundo inteiro e fazer com que a população ganhe dinheiro com isso. É a população que tem de ser beneficiada.

AC - Na sua opinião, deve-se impor limites ao capital estrangeiro?

Viana - Com certeza, porque nós não podemos, num mundo em que alguns ganharam dinheiro às custas da miséria de outros, deixar de estabelecer limites. O capital é algo perigoso. Chega rápido e vai embora mais rápido ainda. Para usar uma frase do Lula, digo o seguinte: nós temos de aprender a ganhar dinheiro com os capitalistas e gastá-los como socialistas. Quando conseguirmos, será uma vitória.

AC - Como está a relação com o PT? Há ingerência do partido em sua administração ou, ao contrário, o seu Governo é que

interfere nos rumos do partido?

Viana - O PT do Acre é muito forte. Tem dois senadores, dois deputados federais, três deputados estaduais e tem o governo. Das 22 prefeituras, sete são do PT. Além disso, tem o maior número de vereadores no Estado. O melhor do PT é que ele dá oportunidade de sonhar e realizar sonhos, de fazer uma política honesta, mas ao mesmo tempo ousada e de transformação. A democracia é a essência. Então, para mim, tem sido tranquilo, desde a época em que fui prefeito de Rio Branco até agora. A relação é ótima também com os dirigentes do PT nacional. Aliás, tenho muita esperança de que, trabalhando, a gente eleja o próximo presidente.

AC - A propósito, Lula ou Suplicy para presidente do Brasil?

Viana - Olha, eu tenho plena condição de dizer o que vou dizer porque conheço bem o Lula: o Lula é o cidadão brasileiro mais preparado,

hoje, para governar esse país. Ele é o cidadão que mais conhece os problemas do Brasil, andou boa parte do mundo, aprendeu muito nesse período todo e está pronto para fazer o governo de que o Brasil precisa. Lula é a possibilidade real de um país mais justo.

AC - Qual a estratégia para vencer as eleições presidenciais?

Viana - O PT precisa ser mais tolerante, dialogar mais com a sociedade. Sou favorável que se tenha uma conversa imediata com todo o campo democrático popular, que o PT converse com Ciro Gomes, com Brizola, com Itamar. Se der para estarmos juntos no primeiro turno, ótimo. Se não der, que a gente faça um pacto pelo Brasil. Nosso país não precisa de um gerente, mas de um bom líder, que possa ouvir e ter coragem de governar para os excluídos.

AC - O senhor pretende se candidatar à reeleição?

Viana - Não tenho essa definição ainda. Mas é uma possibilidade. Acho que agora a gente vai entrar numa fase boa do Governo, de executar e realizar muitas obras sociais e de infra-estrutura. Vamos consolidar o 'Adjunto da Solidariedade' e concluir a interiorização da Universidade do Acre. Quando assumirmos o governo, a Ufac tinha 3.500 alunos, agora, tem 8 mil e está em 16 dos 22 municípios do Estado. Tudo isso, fruto de convênios. Depois, vamos pensar na reeleição.

AC - Por falar na Ufac, é verdade que houve ingerência do Governo do Estado na escolha do atual reitor, Jonas Filho?

Viana - É verdade, no seguinte aspecto: a comunidade universitária escolheu o professor Jonas como reitor. Depois, alguns políticos inescrupulosos estavam agindo para colocar o terceiro mais votado. Eu fui falar com o presidente da República e com o ministro Paulo Renato para que a vontade da comunidade universitária fosse respeitada.

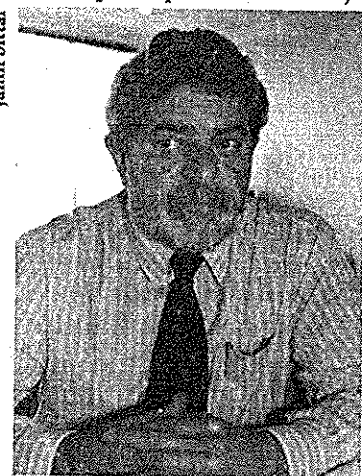
AC - Saiu na imprensa que o senhor pretendia trazer municípios do Amazonas para os domínios do Acre. Até que ponto isso é verdade?

Viana - No final do ano passado, saiu uma reportagem na Revista Época, depois ela foi reproduzida em vários jornais com as devidas distorções, mas eu tenho uma ideia, sim, de mexer nas divisas do Acre. Tenho uma ideia mais profunda: a de mexer nas divisas dos Estados da Amazônia. Por que eu quero isso? Porque a divisa do Acre com o Amazonas é uma linha imaginária. Num lugar que tem tantos limites naturais, como os rios, você não pode ter uma linha imaginária no meio da floresta, como um divisor que separa as famílias de um lado e de outro.

AC - O que o senhor propõe?

Viana - A divisão no Acre é um

caos. O que eu quero é um rearranjo



Jamil Bitar

Lula é a possibilidade real de um país mais justo. É o cidadão mais preparado para governar o Brasil

na Amazônia, baseado numa lógica. Por exemplo: o rio Acre tem um pedaço no Acre, outro no Amazonas, onde está Boca do Acre. Só que a relação de Boca do Acre sempre foi com o Acre. Eles têm muita dificuldade para tratar com Manaus. A estrada é para Rio Branco, o voo é para Rio Branco, os doentes vêm para Rio Branco. O que eu queria era uma discussão e felizmente ela começou.

AC - A mesma revista Época ouviu o governador Amazonino Mendes sobre o assunto e ele demonstrou total indiferença à sua proposta...

Viana - Eu não estou querendo aumentar o Acre e diminuir o Amazonas. O que eu proponho é que nós, da Amazônia, que somos um povo só, discutíssemos como melhor deveríamos ocupar a nossa região. Esse é o objetivo. Agora, se isso vai aumentar o tamanho do Acre e diminuir do Amazonas, ou aumentar o Acre e diminuir Rondônia, é uma consequência e temos de fazê-lo na boa. Eu só lamentei algumas distorções que fizeram do que eu estou propondo, que é uma reorganização dos limites entre os estados da Amazônia, visando facilitar a vida das populações que moram nos municípios, nos rios e na nossa floresta, levando em conta a possibilidade do desenvolvimento sustentável.

AC - Não houve a intenção de provocar nenhum tipo de polêmica com o Amazonas?

Viana - Não. Agora, como amazonida, eu também quero discutir se é bom criar dois territórios no Amazonas. Por que não? É a nossa região. Nós somos um povo só. Somos quase 18 milhões de habitantes e devemos brigar sempre pela Amazônia como um todo. Uma Amazônia que não seja discriminada e que não fique ninguém no mundo discutindo se alguém do estrangeiro tem que cuidar daqui. Nós cuidamos muito bem do que é nosso.

META GLOBAL

Atender 18.260 famílias, até dezembro de 2001, com o pagamento de bolsas e auxílios.

PROGRAMA ADJUNTO DA SOLIDARIEDADE

Bolsa Escola

Concessão de 10 mil benefícios, no valor de R\$ 60,00 por mês, para cada família carente selecionada pelo Estado, com a contrapartida de manutenção nas escolas da rede estadual e/ou municipal, de todos os filhos da família em idade escolar, de 7 a 14 anos.

Bolsa primeira infância

Auxílio financeiro no valor de R\$ 60,00 por mês a ser pago a mil famílias carentes com crianças em idade entre 0 e 6 anos, em situação de desnutrição.

Bolsa primeiro emprego

Concessão de bolsa no valor de R\$ 90,00 por mês a ser paga a 10% da população estudantil do segundo grau (cerca de 2.260 estudantes) que, em contrapartida, desenvolverão atividades junto a sua comunidade, com carga horária de 15 horas semanais.

Bolsa Floresta Universitária

Concessão de bolsa no valor de R\$ 185,00 por mês a ser pago a mil universitários que, em contrapartida, desenvolverão atividades nos diversos órgãos do Governo do Estado, com carga horária de 20 horas semanais.

Renda mínima

Auxílio financeiro no valor de R\$ 60,00 por mês a mil famílias carentes, impossibilitadas de prestar qualquer retribuição cidadã ou de serviço, com prioridade às que tenham idosos e pessoas portadoras de doenças graves em sua formação.

Renda trabalho

Auxílio no valor de R\$ 185,00 por mês a 3.000 desempregados que, em contrapartida, prestarão serviços nas Frentes de Trabalho organizadas pelo Governo do Estado, com a obrigatoriedade de manter os filhos em idade entre 7 e 14 anos em escola pública estadual ou municipal.